

EDUCAÇÃO DO CAMPO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS – ETNOCONHECIMENTO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL, DO CAMPO E DE JOVENS E ADULTOS E BENZEDEIRAS

André Boccasius Siqueira[1]

Círculo de Saber: Organização do Trabalho Pedagógico na Educação do Campo, das Águas e das Florestas

Resumo: Nas instituições de educação básica, é mister refletir sobre os saberes envolvidos neste emaranhado de temas amalgamados, sobrepostos e complementares, principalmente no que se refere ao que denominamos de currículo de Ciências da Natureza. Questiona-se: que contribuição os saberes locais têm sobre o currículo escolar, mirando o ensino de Ciências? Objetiva-se refletir sobre alguns dos saberes que se considera importantes no currículo de Ciências. Acredita-se que o etnoconhecimento seja um conjunto de temas fundamentais para se unirem ao currículo formal e contribuir para uma vida bem mais significativa dos estudantes nas modalidades de Educação do Campo e de Jovens e Adultos, bem como nas reflexões e ações da educação ambiental. Defende-se que os saberes das benzedeiras e rezadeiras podem contribuir significativamente com as discussões nas aulas de Ciências. O texto é justificado pelo fato haver benzedeiras e rezadeiras em comunidades urbanas, periurbanas e rurais, as quais nem sempre tiveram a oportunidade de se escolarizar e, depois de adultas/idosas veem momento propício para tal. Este é um trabalho bibliográfico, em que o autor reporta às suas pesquisas e na revisão bibliográfica sobre o tema. Elas têm muito a nos dizer e o currículo de Ciências a ganhar com seus saberes.

Palavras-chave: Currículo de Ciências da Natureza; Saberes populares; Inclusão.

Introdução

Quando se lê o título desse capítulo, parece que juntei uma série de letras e cores, sílabas com diferentes combinações e termos desconexos entre si ainda, coloquei todos num moinho de pedra e, três minutos depois, saíram pulando essas palavras formando a sequência que se vê. Até parece que é verdade, mas não. Os “olhares” foram determinantes para os objetivos deste. Transformaram-se em uma paisagem colorida, desejadamente harmoniosa, denominada de Ensino de Ciências.

Muitas são as atividades que podem ser desenvolvidas a partir das características ecológicas e das especificidades do ambiente escolar e da comunidade. Ao longo de quase 40 anos de atividades profissionais como educador, tanto na educação básica e na informal, quanto no ensino superior, interesso-me pelos saberes que os alunos

[1] Doutor em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: andre.siqueira@ufrgs.br



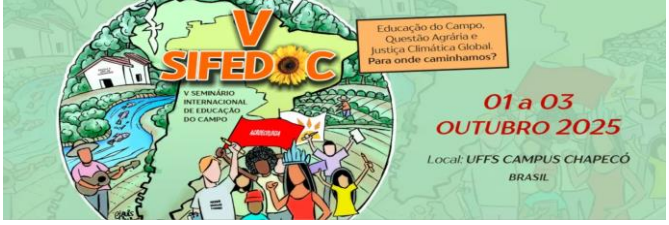
têm acerca dos temas estudados na escola formal, com ênfase nas aulas de Ciências e Biologia. Há mais de 15 anos como docente do ensino superior, desenvolvo pesquisas em várias áreas do conhecimento que dialogam epistemologicamente entre si, são elas: o ensino de ciências, com enfoque no currículo, o etnoconhecimento (enfocando a etnobiologia, etnoecologia e etnobotânica), a educação de jovens e adultos, a educação do campo e a educação ambiental. Nos últimos anos, tenho me envolvido com o complexo, instigante e misterioso estudo sobre benzedeiras e rezadeiras.

De uma forma geral apresento os diferentes temas de conhecimento e suas interlocuções. Tais temas são relevantes para a academia e, especialmente, para meus estudos e trajetória profissional.

Há muito a se falar sobre currículo, sobretudo o currículo de Ciências da Natureza. De modo geral, o currículo vem a ser um curso a ser seguido ou um conteúdo estudado/apresentado. Com o passar do tempo essa dinâmica sobreviveu e fortaleceu-se (Goodson, 1999). Assim, pode-se agrupar uma série de assuntos, de conteúdos, a serem estudados, ministrados na instituição escolar.

Tendo o método tradicional como referência, muitas tentativas foram feitas para aperfeiçoar essa dinâmica escolar e seus métodos de aprendizagem: escolanovista, construtivista, tecnicismo, multiculturalismo e outras. Nenhuma delas é adequada para todas as realidades educacionais e culturais locais. Sob este aspecto, corroboro com Lopes (2004), ao defender que se deve ensinar os conteúdos de forma contextualizada, de modo que faça sentido sociocultural ao estudante, com o intuito de que se interessem e compreendam melhor os temas que estão sendo estudados, debatidos e refletidos, desde os simples aos mais complexos fenômenos naturais que constituem a área das Ciências da Natureza.

A escola formal do início deste século, ainda se mantém academicista. Há uma “sutil” determinação sobre os temas a serem estudados em cada ano, através do livro didático e da BNCC. O conhecimento local tem pouco espaço nesta relação, “não são contemplados nos currículos escolares nacionais” (Gandolfo *et al.*, 2010). Docentes podem ser, em certos momentos do desenrolar das aulas, uma espécie de “agente subversivo”, em se tratando dos processos didático-metodológicos desenvolvidos em espaços diferenciados e utilizar metodologias ativas.



Em minha experiência como docente na educação básica, seguidamente aproveitava aquela lista de conteúdo para promover aulas mais descontraídas quando envolviam diferentes assuntos que se entrelaçam, mas que estudamos isoladamente. Assim foi um projeto que desenvolvi na EJA em 2003, que compôs a parte empírica da dissertação de mestrado (Siqueira, 2004); outro no ensino médio (Siqueira e Pereira, 2011) e ainda, no ensino fundamental (Silveira *et al*., 2012), entre outros projetos multi e interdisciplinares não publicados.

O currículo é uma visão ampla da área de conhecimento com diversificados conteúdos a serem estudados, em uma amplitude, passando por diversos temas e graus de aprofundamento dos conteúdos. Ele é constituído pelos diversos temas da área. Nas Ciências Biológicas estuda-se o amplo para chegar às estruturas menores, exemplo: Reino animal (amplo) e uma abelha (específico), outros preferem o contrário.

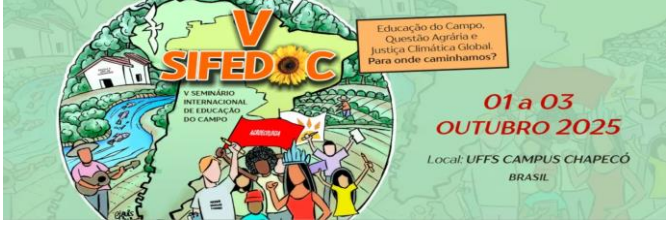
Para professorar, são estes alguns dos motivos que eu trouxe, para esta reflexão, outros olhares do currículo de ciências. Pode-se, então, estudar o etnoconhecimento, a Educação Ambiental, na Educação do Campo e na EJA e fazer conexões com as benzedeiras, sujeitos com estreita identificação com o campo e estudantes na EJA.

Metodologia

Esta reflexão tem como base minhas pesquisas sobre as benzedeiras e rezadeiras urbanas. Muitos dos fatos narrados fazem parte destas pesquisas *in loco* e bibliográfica. Esta foi realizada a partir dos descritores: benzedeira, rezadeira, saberes populares, plantas medicinais. Muitos foram os textos encontrados, mas não alinhados às benzedeiras e rezadeiras ou ao currículo de ciências (foram descartados para a pesquisa). Trata-se, portanto, de um estudo bibliográfico e relato de experiências através de pesquisa acadêmica.

Etnoconhecimento

Para adensar essa reflexão cabe ressaltar que alguns dos conceitos trazidos para esta seção, não são definitivos, estão em movimento, isto é, outros elementos são considerados para tal. Está em constante formação. Um aspecto que deve ser levando



em conta é a importância de tais conhecimentos não se percam com o avanço dos tempos e com o desenvolvimento das novas tecnologias.

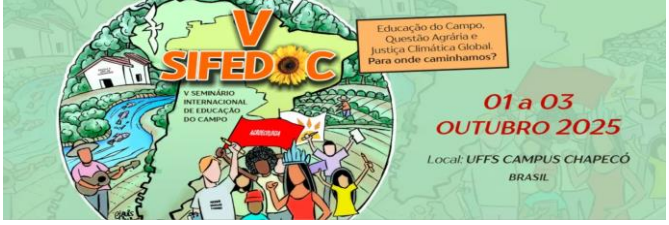
O estudo da Etnoecologia traz à tona discussões acerca da conservação da biodiversidade de uma maneira associativa. É importante ressaltar que com a migração das novas gerações para os centros urbanos, possam ressignificar a interação com o ambiente natural, uma vez que possuem novas experiências sociais.

A etnoecologia tem diversos objetos de estudo: agrofloresta, manejo de samambaias pretas pelos coletores da mata Atlântica, saberes de pescadores sobre o momento de pescar e o de defeso, as localidades do mar e de lagos onde há mais peixes ou onde se encontram os cardumes, conhecimentos de marés e a presença de determinados peixes em cada época do ano, lua para a melhor pesca, significativa interação entre pescador x tainha x golfinho, melhor lua para o plantio de gêneros alimentícios, manejo de caranguejos no ambiente de mangue, coletores de sementes e alimentos da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica, saberes dos povos tradicionais e sua interação com os elementos da natureza, previsão do tempo a partir das características da atmosfera.

A preocupação com tais saberes não se dá somente no Brasil, um exemplo é a pesquisa do alemão Peter Wohlleben (2017) em que articula suas observações e reflexões com a intercomunicação entre as árvores, desde as raízes até as copas. O inglês Tristan Gooley (2022) sintetiza modos de sobrevivência em um espaço desconhecido como, por exemplo, o lado em que os líquens e musgos se desenvolvem nas plantas/árvores, a distribuição das constelações e o modo que elas podem contribuir para nossa localização na Terra.

Acredita-se que a migração da população das áreas rurais para a urbana e o fato de termos perdido o contato sistemático com a natureza, “esquecemos” como ler os sinais de que o meio natural nos mostra.

Compreende-se a Etnobiologia como o “estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia”, assim, “é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes” (Posey, 1986, p.15). Para tal, necessita um certo conhecimento da natureza em que está inserido.



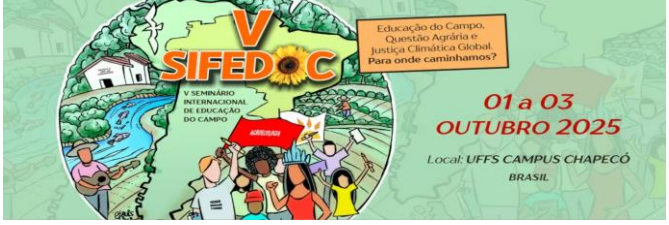
Pode-se dizer que Etnobotânica é a ciência que estuda as “interrelações diretas entre pessoas de culturas viventes e as plantas do seu meio, aliando fatores culturais, ambientais e as concepções desenvolvidas por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas” (Albuquerque, 2005, p.6). Desse modo, perceber-se que a escola e a sociedade detêm conhecimentos sobre as plantas locais. Sobre as plantas aromáticas e as consideradas medicinais, estão no cerne das atividades das benzedeiras, uma vez que as indicam para a cura da enfermidade do consulente.
A Etnozoologia refere às relações existentes entre os seres humanos e os animais. Esta interação fornece subsídios para avaliação e interpretação dos impactos promovidos pelas atividades humanas sobre as espécies animais e na biodiversidade. Por vezes, as benzedeiras utilizam amuletos de partes de alguns animais como, espora do galo, penas das aves, escamas dos peixes sob forma de colar, conchas variadas etc.

Educação Ambiental

Outro tema importante para esta reflexão é a Educação Ambiental. Ela é considerada um tema transversal da educação, ou seja, deve circular por todos os componentes curriculares. Ao falar em Educação Ambiental, parto o conceito oficial, que compreende

> os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Brasil, 1999).

A legislação diz que “é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (Brasil, 1999). A partir do conceito, conclui-se que a EA é um conjunto de atividades unidas em todo processo educativo. Nesta visão está incluída a instituição escolar, pois é um dos espaços que pode haver a formação de cidadãos críticos, por meio da promoção de momentos reflexivos e práticos. A EA pode estar presente em todas as modalidades, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos e na Educação do Campo.
A EA tem se preocupado não somente com a preservação do meio ambiente, com questões climáticas, alimentação saudável etc. Após algumas catástrofes há tempos



anunciadas pelos ecologistas, é necessário que a população contribua com a preservação dos ambientes a fim de melhor viver.

Muitos e importantes projetos podem ser realizados com a participação da escola, da comunidade e de órgãos públicos e particulares. Os projetos de Educação Ambiental não precisam ser megaprojetos, podem ter como alvo o ambiente escolar, por meio da sensibilização almejando a mudança de atitudes pontuais dos estudantes.

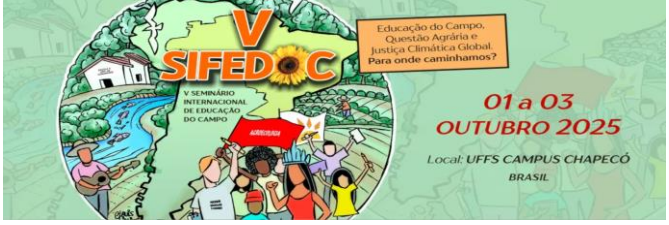
É importante ressaltar que as benzedeiras podem estar contribuindo para que projetos de educação ambiental sejam desenvolvidos na comunidade. Exemplo disso é a preservação de ambientes naturais, especialmente naqueles locais onde coletam algumas das plantas utilizadas nas fórmulas oferecidas aos consulentes. É importante salientar que as benzedeiras preservam e ensinam às novas gerações a cuidarem dos ambientes naturais. Quando indicam alguma planta medicinal para algum tratamento de enfermidade, estão ensinando a reconhecer a utilidade daquele organismo para o ambiente onde ele está.

Educação de Jovens e Adultos

Outro espaço escolar para o ensino de Ciências é a modalidade Educação de Jovens e Adultos. Ela agrega um espectro etário bastante grande, a partir dos 16 anos de idade. Ela foi criada para que cidadãos com nenhuma ou pouca escolaridade consigam integralizar seus estudos na educação básica. A partir da LDB n.9.694/1996 passou a ter o *status* de modalidade.

De acordo com minha experiência como docente na EJA, os estudantes que a frequentam o fazem por vários motivos, dentre eles: almejam a conclusão da educação básica e, com isso, um emprego melhor e que exija maior escolaridade.

Naquele período, desenvolvi vários projetos, dentre eles sobre as plantas medicinais e sobre animais urbanos e periurbanos. Em se tratando de plantas consideradas medicinais, aprendi muito com os alunos e, a partir delas pude desenvolver os conteúdos programáticos e fui além deles. Também realizei um projeto sobre animais urbanos e periurbanos. Os conhecimentos empíricos dos estudantes sobre estes assuntos foram considerados muito bons. Houve uma forte interação entre os saberes populares/empíricos com os escolares.



Educação do Campo

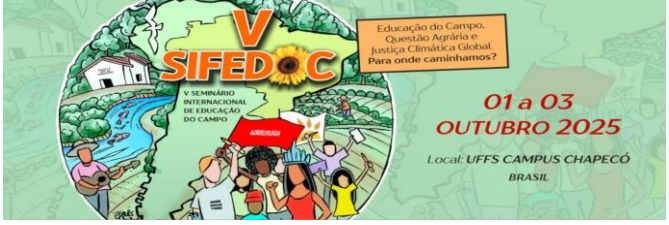
Outro matiz do ensino das Ciências, está na modalidade Educação do Campo, também constituinte da educação básica. Foi criada pela LBD em 1996. Como a EJA, ganhou o *status* de modalidade. Foi uma vitória social da educação popular. Contribui para que os sujeitos do campo tivessem a oportunidade de realizar seus afazeres profissionais e sociais e retornar à escola, intercalando-a ao trabalho.

As escolas do campo funcionam diferenciadas. Elas são intermediadas por tempo comunidade ou de colheita, em que o estudante volta para casa a fim de contribuir nos afazeres da agricultura e outro período retorna para a escola e continuar seus estudos. Em outras palavras, as escolas do campo não têm os mesmos tempos que a escola urbana. Tal metodologia é denominada de Pedagogia da Alternância. Iniciou na França, sob a "forma de internato, onde os alunos passariam três semanas em aprendizado prático nas suas propriedades e uma semana em formação teórica na escola" (Silva, 2012, p.37).

Este modelo de pedagogia cria, na compreensão de Arroyo (2002, p.86), "estruturas escolares inclusivas". É a inclusão dos sujeitos do e no campo ao espaço escolar que se demonstrava ser excludente. Depois de muita luta política, a educação popular, através da LDB de 1996 conseguiu minimizar as necessidades de escolarização de trabalhadores rurais, rurais itinerantes, de pescadores, de caiçaras, de raizeiros, de ribeirinhos, de coletores enfim, uma quantidade bastante grande de comunidades com pouca ou nenhuma escolarização.

Conheci algumas escolas do campo. Cada uma delas têm uma sistemática diferenciada. Em uma o ensino não é seriado, o conhecimento dos estudantes é avaliado através da complexidade dos projetos desenvolvidos. Na outra, a metodologia é de trabalho por projetos. As turmas são desafiadas a desenvolver seus projetos. A etapa final é a socialização do produto, da resolução de algum problema. Ambas as instituições escolares estão sob jurisdição da rede estadual de ensino (RS), que endossa tais Projetos Político Pedagógicos.

Enfim, o que as escolas do campo diferem de uma escola urbana é a metodologia de ensino. O trabalho coletivo é muito incentivado. Os estudantes aprendem a estudar e realizar atividades em grupo, fortalecer e potencializar os conhecimentos locais e de cada componente curricular, além da pedagogia da alternância.



Martins (2020) lembra que a escola do campo atual está muito distante daquela criada por Monteiro Lobato na imagem de um sujeito desleixado e sem perspectiva de mudança de vida, o “Jeca Tatu”. Hoje temos agricultores residindo na área rural, frequentando as escolas do/no campo, as quais são bem estruturadas didático-pedagógico e a região rural com infraestrutura para a habitação humana.

Sobre os povos do campo, Cunha (2011, p.178) anuncia que se caracterizam por

> seu jeito peculiar de se relacionar com a natureza, através da mão de obra dos membros da família, cultura e valores que reforçam as relações familiares e de vizinhança, o vínculo com a rotina de trabalho que segue uma marcação do tempo que não a do relógio mecânico.

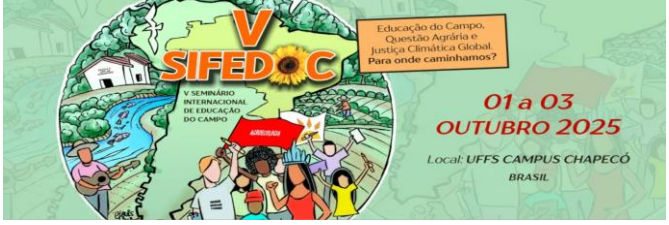
A Pedagogia da Alternância é uma metodologia que valoriza os saberes dos estudantes das diversas comunidades em que as escolas do campo estão inseridas. São os saberes populares ocupando espaço social no currículo escolar também das escolas urbanas. Os saberes das benzedeiras é um exemplo de conhecimento populares e com grandes possibilidades de se fazer presente no currículo escolar.

Benzedeiras e Rezadeiras

As Benzedeiras e as Rezadeiras preservam os saberes sobre plantas medicinais e interagem com as questões energéticas locais e do planeta. Seus afazeres são de muita simbologia e de singularidade. Carregam consigo tradições geracionais, conhecimentos de um tempo em que não havia a assistência médica (hoje é largamente disponível através do SUS). Em alguns municípios brasileiros elas desenvolvem suas atividades junto aos postos de saúde, complementando alguns tratamentos (Lima, 2020).

Representam a continuidade das raízes culturais da localidade, seus valores e suas tradições. Exercem a liderança local e representam a força da mulher na sociedade. Têm uma religiosidade bastante evidenciada, cada uma reza com seu protetor espiritual[2] e com isso, adquire o respeito da comunidade. As plantas que elas manuseiam apresentam uma energia que transcende o corpo do paciente. Eleva seu ânimo e a vontade de curar-se e de viver. Elas representam um canal entre o transcendental e o corpo físico.

[2] De acordo com a religião que professa, este pode ser denominado de guia espiritual, guia de luz, anjo da guarda, guardião, Espírito Santo e outros.



Podem contribuir enormemente com o currículo escolar no tema plantas consideradas medicinais, ou etnobotânica, pois seu conhecimento sobre tais vegetais pode interferir na metodologia das aulas.

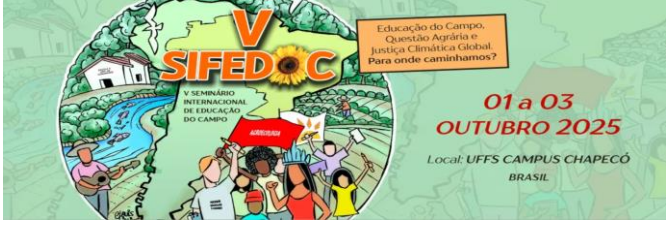
Encontramos benzedeiras habitando os centros urbanos. Há uma parcela reconhecida da população que não perdeu suas bases sociais, são as benzedeiras e as pessoas que as procuram. Também são residentes das áreas urbana, periferia e ainda na rural.

Conclusão

Apesar de ter fragmentado bastante este texto, pode-se ver o quanto todos os assuntos estão interligados ao currículo escolar. No entanto, tais temas sempre foram tratados em separado e, muitas vezes nem comentado na escola. Para conectá-los precisei fazer um exercício para transformá-los em um só. Estamos acostumados a fragmentar e classificar nossos conhecimentos, mas não precisa ser desse modo.

Considero que todos esses saberes devem ser preservados e socializados com as demais gerações, a fim de que não se percam com o esquecimento ao passar do tempo. Os saberes relacionados com a etnoecologia e a etnobiologia precisam ser sistematizadas para serem lembrados pelas novas gerações e conhecerem alguns fragmentos da cultura dos seus ancestrais e da sociedade em que vivem, saberes estes que estão fora das mídias e aplicativos dos celulares.

Valorizar o etnoconhecimento das comunidades locais e adicionar ao currículo escolar é um desafio para a escola e para seus atores. Os saberes etnobotânicos são observados em tal espaço por meio das trocas de receitas devido a algum problema de saúde. A cultura *folk* aparece de modo singular, extra-oficial, sem pedir permissão para ocupar seu espaço. No entanto, não há discussão sobre a instituição escolar ser um espaço encharcado de saberes científicos, mas que, ao mesmo tempo, é um espaço aberto para a socialização de novas aprendizagens, tanto provindo dos estudantes, quanto dos docentes e da comunidade em geral: saberes e cultura local, modos de sobrevivência e de curas de enfermidades detidas pelos anciãos. Poderíamos dizer que o saber escolar não é somente a transposição dos saberes científicos, também a união com os saberes produzidos pela comunidade. O



etnoconhecimento pode ter um espaço na instituição escolar e seguir existindo na comunidade e é provável que se perca por falta de continuidade e valorização social. Vislumbro uma escola em que o estudante possa se expressar de acordo com seu vocabulário e conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Acredito que o saber formal possa conversar com aquele informal; que o conhecimento sobre temas importantes para a comunidade sejam o cerne do conteúdo das nossas aulas e, na medida do possível, unidos aos saberes escolares. Sabe-se que na prática não funciona assim, tendo em vista que existem entraves sócio-políticos. Sob o ponto de vista do currículo formal, muitas manifestações populares são silenciadas em detrimento de um currículo formal. São silenciados quando não há o espaço para sua manifestação oral e expressão corporal. Neste contexto, Chassot (1995) questiona: “Para que(m) é útil o ensino?”.

A modalidade Educação de Jovens e Adultos é um dos espaços onde os saberes populares estão presentes, especialmente, naquelas turmas em que as benzedeiras frequentam, seja como educandas ou educadoras. Elas têm muito a contribuir para as aulas da área de Ciências da Natureza, visto que utilizam os elementos da natureza.

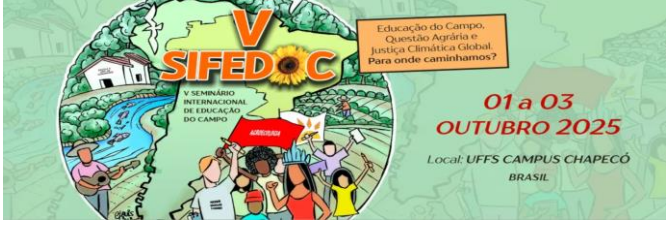
A modalidade Educação do Campo é outro espaço representativo para a preservação do etnoconhecimento e, partindo da socialização dos saberes das Benzedeiras, vultos importantes em quaisquer comunidades, é possível despertar o interesse dos mais jovens, na continuidade de tais saberes e fazeres.

Ações de Educação Ambiental podem e devem ser promovidas em todos os níveis da educação nacional. É um momento de conexão, de problematização e de estar em sintonia com o ambiente natural. Com tal visão, temas importantes para a comunidade podem ser estudados e, quiçá, problematizados e solucionados.

As Benzedeiras e Rezadeiras, objeto desta reflexão, são as que circulam pelos temas que trouxe neste texto. Sua sapiência não escolarizada e geracional, é culturalmente rica e mantém forte base cultural local até nossos dias. É essencial que estejam na escola, seja como estudantes, docentes ou como representante da sociedade local.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. **Introdução à etnobotânica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.



ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (orgs.). **Por uma Educação do Campo**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (p.65-86).

BRASIL. Lei 9795/99. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Brasília, DF. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm

CHASSOT, Attico Inácio. **Para que(m) é útil o ensino?** Alternativas para um ensino (de Química) mais crítico. Canoas: Editora da Ulbra, 1995.

CUNHA, Mariangela Hoog. Escola, Pescadores e Mar: educação escolar na comunidade de pescadores artesanais de Ilha Rasa. In: SOUZA, Maria Antônia de. **Práticas Educativas do/no campo**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2011. (p.177-200).

GANDOLFO, Elisa Serena; ULYSSÉA, Mônica Antunes; SILVA, Sara Divina Melo da; LACERDA, Victória Duarte; HANAZAKI, Natália. A Etnobiologia como zona de convergência entre o ensino, pesquisa e extensão. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Alice Gevaerd; BARCELOS, Valdo (orgs.). **Tecendo Educação Ambiental na Arena Cultural**. Petrópolis: DP et alii, 2010. (p.139-156)

GIMENES, Bruno. **Fitoenergética**: a energia das plantas no equilíbrio da alma. Nova Petrópolis: Luz da Face, 2020.

GOODSON, Ivor. **Currículo**: Teoria e História. [Tradução de Attilio Brunetta e Hamilton Francischetti] Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

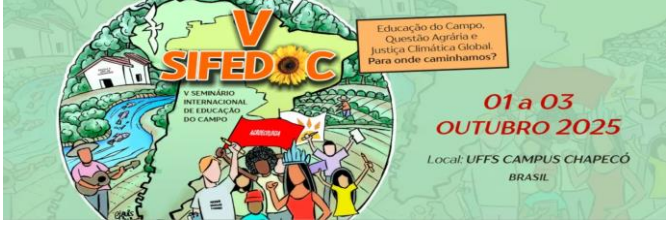
GOOLEY, Tristan. **A Arte Perdida de Ler os Sinais da Natureza**: Aprenda a usar pistas do ambiente para se orientar, prever o clima, encontrar água e rastrear animais – entre outras técnicas desta arte esquecida. [Tradução de Fernando Oliveira Klein]. Campinas, SP: Editora Auster, 2022.

LIMA, Itamar da Silva. **Benzedeiras - fé e cura no sertão**: relações entre ciência, espiritualidade e saúde. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020

LOPES, Alice Casimiro. Políticas de Currículo: Mediação por grupos disciplinares de ensino de Ciências e Matemática. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (orgs.). **Currículo de Ciências em Debate**. Campinas: Papirus, 2004. (p. 45-75).

MARTINS, Fernando José. **A escola e a educação do campo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

POSEY, Darrell A. Introdução-Etnobotânica: Teoria e Prática. In: RIBEIRO, B. (org.). **SUMA Etnológica Brasileira** (1-Etnobiologia). Petrópolis: Vozes, 1986. (p.15-25).



SILVA, Lourdes Helena da. **As experiências de formação de jovens do campo**: Alternância ou Alternâncias? Curitiba, PR: Editora CRV, 2012.

SILVEIRA, Ana Paula; FARIAS, Carla Cristina; SARTÓRIO, Rodrigo; SIQUEIRA, André Boccasius. Etnobotânica de plantas medicinais aplicada ao ensino fundamental. *In*: MENDONÇA, Ana Waley; SIQUEIRA, André Boccasius.; MARCOMIN, Fátima Elizabeti. **Educação, Sociedade e Meio Ambiente no Estado de Santa Catarina**: abordagens múltiplas. São Leopoldo: Oikos, 2012. (p. 137-156)

SIQUEIRA, André Boccasius e PEREIRA, Samira Martins. Abordagem etnobotânica no ensino de biologia. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 31, n. 2, 2014, p. 247-260. Disponível em <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4711/3092>. Acesso em 02 jan. 2021.

SIQUEIRA, André Boccasius. **Aproveitando os saberes de jovens e adultos sobre plantas medicinais**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**: o que elas sentem e como se comunicam – as descobertas de um mundo oculto. [Tradução de Petê Rissatti]. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.